

Relações dialógicas em uma perspectiva contemplativa da dimensão social da escola

Mara Cristina Pereiraⁱ

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal evidenciar como as importantes relações dialógicas contidas na linguagem humana podem ser articuladas em prol do processo de ensino-aprendizagem no que tange à função social da educação. Enquanto procedimentos metodológicos foram escolhidos a pesquisa exploratória-bibliográfica como estratégia de fundamentação teórica, a abordagem qualitativa e o método aplicado. Para evidenciação da problematização abordada será realizada uma contextualização – ainda que de maneira sucinta – histórica, econômica, social e cultural de alguns fatores considerados importantes na correlação da concepção dialógica cunhada por Bakhtin e por seu Círculo a alguns dos pressupostos teóricos da Pedagogia e da Psicologia, bem como a outras concepções que dialogam em algum nível com a função social da educação.

Palavras-chave: Dialogismo bakhtiniano; Língua-linguagem; Função social educacional.

ABSTRACT

The main objective of this article is to show how the important dialogical relationships contained in human language can be articulated in favor of the teaching-learning process regarding the social function of education. As methodological procedures, exploratory-bibliographic research was chosen as a strategy for theoretical foundation, the qualitative approach and the applied method. To demonstrate the problematization addressed, a historical, economic, social and cultural contextualization will be carried out – albeit briefly – of some factors considered important in the correlation of the dialogical conception coined by Bakhtin and his Circle to the theoretical assumptions of Pedagogy and also to other conceptions that dialogue at some level with the social function of education.

Keywords: Bakhtinian Dialogism; Language-language; Educational social function.

ⁱ Mestranda do PPGEdu/UFMT/UFR. Membro do grupo de pesquisa FORTEP. Assistente Social na rede municipal de Rondonópolis - MT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0123-5691> / mara.mariano14@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Não há sociedades constituídas sem uma língua, e, conseqüentemente, sem linguagens diversas para expressá-la. A comunicação humana evidencia a cultura de um povo, ela abarca suas crenças, seus costumes, sua história, entre outros elementos importantes. Ela acontece de diferentes formas, sendo que tanto na escrita (manifesta por meio de diversas formas de signos linguísticos) quanto na oralidade, a se considerar que há uma infinidade de gêneros, de enunciados e de discursos que reproduzem a comunicação humana e lhes dão sentido por meio da representatividade dos sujeitos que dela se utilizam.

O conceito de língua-linguagem, que será abordado neste artigo, vai além de suas superfícies e de suas estruturas internas; o conceito adotado apreende a comunicação humana como um processo amplo e complexo; o qual abarca, estuda e explica a existência de uma dialogicidade na linguagem e nos discursos, cujas características vêm sendo evidenciadas e aprofundadas pela notória concepção dialógica cunhada pelo pensador russo Bakhtin e seu importante Círculo.

Esta visão dialógica reconhece e considera importante a compreensão da influência sociocultural, histórica e econômica exercidas nas vidas dos sujeitos, de como os discursos são construídos historicamente, de como eles formam ideologias – ainda que de maneira inconsciente – e de como essas ideologias reproduzem intencionalidades, utilizando, para tanto, de estilos que são construídos e propagados por diversos tipos de suportes contemplativos dos muitos gêneros textuais e discursivos necessários à efetivação da comunicação humana.

Assim, a proposta do presente artigo, sem a intenção de esgotar a temática abordada, é a de explicitar as relações dialógicas contidas na linguagem humana, apresentadas por Bakhtin e por seu Círculo, em uma perspectiva de articulação com algumas concepções linguísticas, pedagógicas e psicológicas em prol do processo de ensino-aprendizagem no que tange à função social da educação articulada com outras importantes esferas que permeiam os espaços escolares com a diversidade dos sujeitos sociais que neles se encontram.

Dessa forma, com a intenção de promover subsídios essenciais à discussão pretendida neste trabalho; e tendo como recorte temporal algumas das muitas

transformações socioeconômicas, políticas e culturais ocorridas nos meados do século XX até a atual conjuntura, serão apresentados aspectos fundamentados em um importante arcabouço teórico considerado como necessário e imprescindível ao objetivo principal deste artigo: a busca de evidências de como as relações dialógicas contidas na linguagem humana pode ser articulada com outras áreas do saber em prol do processo de ensino-aprendizagem no que tange à função social da educação.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foram escolhidos métodos baseados nas definições de Gerhardt e Silveira (2009), Gil (2017) e Minayo (2001). Assim, em consonância com o objetivo central desta pesquisa, foram utilizadas a pesquisa exploratória, a qual visou apresentar um panorama envolvendo outras áreas do saber além do campo educacional enquanto mecanismo de articulação entre conceitos que dialogam com a proposta deste trabalho.

Como estratégia de fundamentação teórica à relevância acadêmica e à relevância social da temática abordada, foi utilizada a pesquisa bibliográfica. No que se refere à abordagem da pesquisa pretendida, o método qualitativo, o qual se opõe a modelos padronizados de investigações, foi escolhido devido ao fato de que essa abordagem mostra-se como a mais adequada para correlacionar o conhecimento já produzido e o apontamento de possíveis resoluções às problemáticas possivelmente evidenciadas. Quanto à natureza da pesquisa, foi escolhido o método aplicado, cujas características visam dar respostas ou levantar hipóteses de respostas específicas a um dado fenômeno pesquisado.

2. BREVE DISTINÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE LÍNGUA-LINGUAGEM

Para uma melhor compreensão do conceito de língua-linguagem sob a perspectiva dialógica, faz-se necessário uma breve explicação das diferenças entre os dois termos. Inicialmente, a Linguística, enquanto ciência autônoma e detentora de um objeto de estudo, analisava a língua em sua estrutura e de maneira isolada da fala, era a visão de uma das famosas dicotomias apontadas pelo importante linguista Ferdinand de Saussure, considerado, após o lançamento da obra *Curso de Linguística Geral* por um grupo de seus ex-alunos, o pai da Linguística Moderna no início do século XX, o autor

também é considerado o fundador da concepção estruturalista nos estudos epistemológicos da língua-linguagem.

Nessa concepção, conforme já mencionado, o estudo da língua limitado à sua estrutura e de maneira individual era tido como o objetivo central, porém, é importante salientar que a concepção estruturalista reconhecia a importância da linguagem enquanto construção social. Vejamos o reconhecimento da dimensão social da linguagem nas palavras do próprio autor estruturalista:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; e somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. E, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1993, p. 17).

Mediante essa exposição de Saussure, fica evidente a separação que ele fez entre língua e linguagem; mesmo o foco da concepção saussuriana sendo sobre as estruturas do estudo da língua de maneira dissociada dos elementos externos que a circunda. Há o reconhecimento por parte do autor estruturalista da importância da linguagem enquanto produção social construída historicamente pelos sujeitos e por meio de interação nas diversas situações existentes na comunicação humana. Já estudiosos contemporâneos da linguagem, entre eles Bagno (2012), consideram o conceito de língua como um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. Tal apreensão leva em conta que a linguagem abrange, com essa relação, a função mais importante da língua: a de inserir indivíduos em contextos sociais e históricos, corroborando, dessa forma, com a complexidade das relações humanas nas diversas esferas componentes da vida em sociedade.

Cunha, Costa e Martelotta (2013) trazem o conceito de linguagem como uma prática social cuja construção é perpassada por diversas significações de sentidos múltiplos. Sentidos esses que evidenciam os diversos momentos constitutivos da comunicação humana e, por esse motivo, contribuem de maneira ímpar para que haja de fato efetividade no processo de codificação-decodificação na linguagem humana entre os sujeitos que desempenham os papéis de locutores-interlocutores alternadamente nos variados momentos de interações, nos diversos contextos situacionais em que a linguagem se concretiza e nas muitas formas de uso da comunicação.

Nesta construção social de linguagem, há muitas maneiras de concretizar as mensagens pretendidas entre os interlocutores envolvidos na comunicação: através de produções textuais escritas e/ou faladas, artísticas, imagéticas, sensoriais etc. Os autores explicam ainda que estas diversas maneiras de comunicação humana resultaram em estudos de análises mais específicas no início do século XX, análises essas que fomentam até os dias atuais inúmeras produções científicas cujo objetivo é o aprofundamento do conhecimento da linguagem em sua complexa e rica dimensão.

Cabe salientar que o estudo pautado somente em uma linha estrutural formalista, cujo limite não ultrapasse a unidade máxima da frase ou que desconsidere o contexto comunicacional, deve ser evitado. Outro aspecto que merece ser considerado é o poder atribuído a um indivíduo em um momento específico de comunicação em virtude de seu lugar de fala no momento da interlocução, conforme coloca Bourdieu (1977). Os lugares desses falares evidenciados em textos-enunciados-discursos de determinadas categorias (política, religiosa, midiática etc.) estão ligados aos contextos culturais, sociais, econômicos, geográficos e históricos de uma sociedade e são (re)produzidos pelos sujeitos que nela se encontram inseridos.

Dessa maneira, é na complexa e rica comunicação humana que, segundo Gnerre (2009), certas regras tais como: convenções sociais entre os interlocutores, os assuntos considerados adequados e qual linguagem será utilizada na comunicação segundo o grupo social em que ela se encontrar são colocadas para serem seguidas. Linguagem essa que passou por vários processos históricos até ser reconhecida como condutora das diversas formas de comunicação humana nos mais variados discursos que permeiam a complexidade das relações humanas, sociais, científicas, políticas etc.

2.1. Concepção dialógica bakhtiniana: uma visão para além da estrutura da língua

No século XX houve um notório avanço no que tange à progressão e à propagação dos conhecimentos ligados ao estudo da linguagem, além de uma ciência restrita à sua área específica; contemplando, dessa forma, outras áreas do conhecimento e, conseqüentemente, proporcionando destaque para as ciências humanas e sociais. Dessa maneira, as verdades tidas como certas até então no universo linguístico foram deixando, gradativamente, parte de suas características estruturalistas e neutras à medida

que os estudos da linguagem avançavam. Sob a perspectiva que considera o conhecimento de mundo e que também reconhece os sujeitos enquanto partícipes na constituição da linguagem, uma abordagem que levasse em conta o diálogo, o discurso e a identidade dos agentes que fazem parte dessa construção linguística, cultural e social, que é coletiva e reverbera no individual, foi ganhando destaque entre os estudiosos/pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Surge, assim, a revolucionária concepção de Bakhtin e de seu Círculo, a qual ressalta o entendimento de que a linguagem não está condicionada ao simples fato de a pensarmos, conforme afirmavam os teóricos inatistas; pelo contrário, ela decorre de uma construção histórica, social, cultural e interacional, a qual espelha as ideologias de um grupo social e/ou de um povo. Esses fatos demonstram que compreender a linguagem – e tudo que a compõe – vai além dos vieses filosóficos e linguísticos; essa compreensão necessita ser entendida também por meio das perspectivas de outros ramos científicos. A construção de conhecimentos pautados nas diversas áreas do saber objetiva o enriquecimento dos estudos e das pesquisas desenvolvidas de forma sistematizada, mas com respeito às diversidades e ao sujeito em sua identidade singular a qual reflete na coletividade.

Neste entrelaçamento das muitas categorias constituintes da linguagem, cabe destaque aos sentidos dos enunciados; eles têm íntima relação com os aspectos sociais e interacionais, com o entendimento de que língua, assim como a fala, é construída e (re)produzida dialogicamente por meio da participação de diversos atores, conforme salienta Barros (2003):

[...] concebe-se o dialogismo como o espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto. Explicam-se as frequentes referências que faz Bakhtin ao papel do outro na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz (BARROS, 2003, p. 3).

Outro ponto essencial que a apreensão dialógica da linguagem traz é o reconhecimento que as vidas dos sujeitos são permeadas por discursos, desde o mais simples até os mais elaborados, os quais nem sempre ocorrem de maneira consciente, mas que, mesmo assim, causam impacto na vida cotidiana desses sujeitos. Importante deixar claro que essa consciência reflete ideologias e intencionalidades; sendo que elas sofrem influências, cujas determinações são históricas, adquiridas em grupos sociais

e/ou até mesmo por meio de discursos manipuladores, com destaque para a mídia e para certas categorias detentoras do poder.

Dessa forma, fica evidente que – contrariamente às correntes estruturalistas, gerativistas e formalistas – a linguagem de uma nação é construída historicamente com o coletivo e acompanha as mudanças/variações existentes dentro de uma sociedade, pois, segundo a concepção bakhtiniana, a linguagem refrata o mundo, mas refrata à medida que o (re)constrói e o reordena, sendo que é de suma importância o reconhecimento e a apropriação desses fatores alinhados a práticas pedagógicas-psicológicas nas instituições educacionais.

3. NOVAS CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO SÉCULO XX

A Educação tem sofrido grandes transformações em sua trajetória, visto que ela acompanha as mudanças socioculturais, históricas, econômicas e políticas que perpassam as muitas esferas constitutivas da vida em sociedade. Destarte, devido ao agravamento da questão social, em suas muitas manifestações, decorrente do sistema econômico capitalista nos dois últimos séculos, grandes pensadores, pesquisadores e estudiosos vêm apresentando concepções e teorias para uma melhor construção e compreensão que visam contemplar o processo de ensino-aprendizagem para além de visões conservadoras e positivistas; ou seja, uma educação que considere outros fatores importantes na promoção de sociedades mais justas e igualitárias, que considere os contextos sociais, a historicidade humana, as dimensões socioculturais das sociedades e a consciência de classe em suas múltiplas estratificações social.

Outro fator que marcou o contexto dessa fase histórica do século passado e atual foi o avanço científico e tecnológico, o qual, contraditoriamente, não resultou em sociedades mais críticas nem mais reflexivas. Dessa forma, estudiosos e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento apontavam que, apesar de a educação ter a importante função de ser transmissora/socializadora do conhecimento, ela sozinha não seria capaz de proporcionar consciência individual e coletiva de valores éticos, de igualdade, de justiça, de alteridade, de respeito às diversidades, entre outros.

Na primeira metade do século XX, no Brasil, no período de industrialização e urbanização do país, a educação foi chamada a atender uma nova demanda: os/as estudantes da classe trabalhadora. Este marco educacional era reflexo das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais daquele contexto histórico. Entre tantas transformações e inovações, o século considerado tecnológico apresentou novas (re)significações educacionais, com destaque para o surgimento de novas concepções, as quais, segundo Saviani (2007), fizeram oposições à escola tradicional, entretanto, essas novas concepções não foram capazes de romper completamente com traços tecnicistas em suas práticas pedagógicas. Foi somente na década de 70 do século passado que surgiu no Brasil a chamada Pedagogia Histórico-Crítica.

Assim, esta concepção nasceu com vistas a atender aos anseios dos educadores os quais não encontravam nas concepções existentes até então um método pedagógico contemplador de características sociais, históricas e culturais alinhadas à teoria e à metodologia necessárias para efetivação da função social da educação por meio do espaço escolar, uma vez que a escola é “[...] uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber elaborado, e não do saber espontâneo, do saber sistematizado e não do saber fragmentado, da cultura erudita e não da cultura popular” (SAVIANI, 2012, p. 14).

Dessa forma, entre as concepções pedagógicas ainda em circulação na atual conjuntura educacional brasileira, a Pedagogia Histórico-Crítica mostra-se como a mais comprometida com a função social da educação, pois ela atende às necessidades socioculturais coletivas da sociedade, ao mesmo tempo em que se encontra articulada a um referencial teórico-metodológico e ao reconhecimento dos saberes em suas diversas áreas do conhecimento construído historicamente e dialogicamente pelos diversos agentes sociais que constituem a linguagem humana.

3.1. Perspectiva dialógica enquanto importante aliada à função social da educação

O importante autor interacionista Vygotsky (2007) destaca a rica e complexa realidade que a linguagem revela sobre o saber e o comportamento humano, sendo que tanto este quanto aquele, segundo o autor russo, apresenta a capacidade de produzir sentidos. Dessa forma, há necessidade de as práticas pedagógicas serem trabalhadas

com distinção bem delimitada no que tange à racionalidade teórica e a racionalização, pois elas não são sinônimas; a primeira diz respeito às ciências e disciplinas enquanto teoria e a segunda está relacionada com o entendimento dos hábitos humanos.

A concepção dialógica, segundo Páez e Rojas (2009), derruba o mito do(a) aluno(a) considerado(a) como tábula rasa e do(a) professor(a) detentor(a) absoluto(a) do conhecimento; acontece, então, ao menos em parte, a quebra do paradigma tradicional do processo de ensino-aprendizagem e um novo modelo pautado na troca do saber mútuo ganha força e reconhecimento. Troca essa voltada para além da comunicação simplesmente; ela é baseada na interação educacional em que ocorrem outras ações muito mais efetivas na construção da liberdade e da emancipação humana.

Essa proposta de educação objetiva o reconhecimento da linguagem como sistema semiótico-discursivo capaz de contemplar tanto a cientificidade do discurso quanto à pedagogia contida nele. Importante entender que a linguagem vista sob esse viés tem elementos significativos lógicos, dialógico-polifônicos e analógicos. Já o discurso, nessa mesma concepção, manifesta-se nos enunciados e leva em consideração a participação dos sujeitos dialogicamente, num entrelace em que envolve lógica em seu estabelecimento conceitual, mas com respeito às diversidades socioculturais existentes neste processo. Isso só é possível porque o dialogismo tem essa capacidade de articular conceitos com a realidade social, histórica e cultural dos indivíduos.

No que tange à relação pedagógica científica com a linguagem, é importante deixar claro que a cientificidade, mesmo fazendo parte do conhecimento, não pode sozinha ser aporte da linguagem, visto que um ensino pautado somente nesta perspectiva instrumental ainda apresenta resquícios do tecnicismo positivista e o pensar humano advém muito mais de sua sociabilidade do que através de métodos científicos e é neste ponto que se encontra o cerne da questão: entender a complexidade da transmissão do conhecimento humano é também reconhecer os importantes agentes constituintes da linguagem e este fato não pode ser mensurado estaticamente, tampouco entendido em técnicas somente científicas.

Desta forma, fica o entendimento que cabe à pedagogia, enquanto teorização da educação, conforme coloca Charlot (1976), refletir e questionar como a visão dialógica e interacionista na educação podem contribuir com as práticas pedagógicas, contemplando a construção sociocultural e dialógica, com os(as) alunos(as) em sala de

aula. Amparado nesta perspectiva de práticas educacionais participativas, evidencia-se como um ensino para além do campo conceitual – não desconsiderando a importância do saber científico – articulado com o pensamento dialógico bakhtiniano mostra-se como uma alternativa mediadora entre o conhecimento e o comportamento humano.

A problemática existente nesta mediação a qual envolve elementos do dialogismo e da educação, Bakhtin definiu como uma extraposição, cuja consiste na habilidade de juntar diferentes maneiras de apreensão e diferentes exposições de opiniões sobre uma mesma temática. Essencial entender que essa extraposição leva em consideração múltiplos aspectos (históricos, sociais, culturais, político e econômicos) em sua análise, sendo que a transmissão cultural que visa compartilhar o conhecimento deve ser fundamentada em uma pedagogia preocupada com o todo e não somente com a sistematização.

Consoante a este pensamento de educação enquanto prática preocupada com o coletivo, o filósofo Foucault (1979) coloca que a educação não deve compactuar com “sistemas de exclusão”, reforçando, dessa forma, que não se devem alimentar tais sistemas, ou seja, o alinhamento pedagógico é imprescindível na construção do conhecimento comprometido com sistemas inclusivos nas múltiplas singularidades existentes no meio escolar, e, para atingir esse intento, precisa lidar com todos os fatores envolvidos neles. Logo, o papel primordial da pedagogia enquanto disciplina (re)construidora e transmissora do conhecimento é ter criticidade em suas ações e pensar suas práticas pedagógicas numa visão interacionista e dialógica, as quais considerem os sujeitos, os contextos e as técnicas necessárias a sua atuação e assim ter mais hipóteses de êxito em contemplar a função social da educação.

Zemelman (2003) considera que demandas da educação podem ser tratadas pelas práticas e pelos discursos pedagógicos e não somente pela epistemologia de sua ciência. Essa colocação do autor traz a ética, a interação educativa, a intencionalidade e o contexto social para dentro da práxis do profissional docente. Relativo à propriedade pedagógica, Bakhtin afirma tratar-se da efetuação da confluência alcançada por atalhos, e isso é considerado algo bom, conforme salienta Chevallard (1991), ou seja, o processo que envolva práticas diversas contribui no enriquecimento necessário à construção do conhecimento transmitido pelas escolas.

Construção essa que a pedagogia, por sua natureza que também é conceitual, tem papel importante na produção de sentidos socioculturais, além dos teóricos científicos por meio de possibilidades de construções favoráveis à transformação humana e societária, sendo que para isso o primeiro passo é começar revendo alguns de seus conceitos, bem como suas práticas, para efetivação de uma educação contemplativa de um sentido sócio histórico e cultural, simultaneamente.

Dessa forma, compreender a necessidade de uma construção pedagógica-psicossocial-dialógica-interacional-cultural é reconhecer que a dimensão do ensino/aprendizagem contempla aspectos que vão além do ensino teórico-metodológico e científico. Neste sentido, faz-se necessário que as escolas não percam uma de suas funções precípua: a de serem espaços socializadores dos quais participam sujeitos inseridos em contextos socioculturais, históricos, econômicos e político, sendo a linguagem, em suas diversas manifestações interdiscursivas, o instrumento que dá voz aos diversos atores constituintes de nossa sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste artigo, consideramos que importantes elementos pautados teoricamente na perspectiva dialógica bakhtiniana, enquanto aliados da função social preocupada com a transformação societária, foram contemplados. A evidenciação da necessidade de um ensino técnico e científico articulados com fatores históricos, sociais e culturais foi apresentada e fundamentada em um rico e renomado arcabouço teórico. Também foram abordadas perspectivas de uma linguagem inclusiva, com respeito às diversidades socio-históricas e culturais, apontando a responsabilidade da educação e da pedagogia em promoverem um conhecimento dialógico e com ênfase em um ensino-aprendizagem que reconheça a historicidade dos sujeitos em uma via envolvendo docentes, discentes, governo e sociedade.

É possível também concluir que este artigo suscitou uma rica discussão de algumas das práticas pedagógicas e psicológicas, as quais em comum apresentam – dentre os muitos pressupostos teórico-metodológicos de cada área específica – o alinhamento das interações sociais por meio do trabalho das ações didáticas com vistas a contemplar a complexidade necessária na construção de uma pedagogia crítica e

reflexiva, cujo núcleo possa proporcionar uma melhor articulação com a função social da educação e, dessa forma, acabe por favorecer a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por fim, importante deixar claro que Bakhtin e seu Círculo vêm demonstrando há mais de um século como a comunicação perpassa a vida dos sujeitos, trazendo, dessa maneira, o merecido reconhecimento de que a linguagem é construída num processo dialógico entre os diversos atores sociais e em seus contextos reais de comunicação, possibilitando, assim, a tessitura das palavras-enunciados-discursos, cuja contribuição vem ao encontro com a função social da educação.

Referências

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a [1951-1953].
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARROS, D. L. P. “Dialogismo, polifonia e enunciação”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 2003.
- BOURDIEU, P. 1977 “L'économie des échanges linguistiques”, em *Langue Française*, 34, Paris: Larousse.
- CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. “Linguística”. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARLOT, B. *A Mistificação Pedagógica: Realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Payot, Paris, 1976.
- CHEVALLARD, Y. *La Transposicion Didactica: Del saber sabio al saber enseñado*. Argentina: La Pensée Sauvage, 1991.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do conhecimento*. 7.ed. 3.reimp. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2008 [1970].

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (organizadores). *Métodos de Pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Carlos A. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*, 6ª edição. São Paulo, Atlas, 2017.

GNERRE, M. *Língua, Escrita e Poder*, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 5. Ed.: 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PÁEZ, A. C.; ROJAS L. F. A. *Lenguaje, dialogismo y educación*. Scielo, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01234870200900010000>. Acesso em: 12 de junho de 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. 39. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

_____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. Campinas SP: Autores Associados, 2012.

VIGOTSKY, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1931).

ZEMELMAN, H (2003). *Conhecimento e ciências sociais: algumas lições sobre problemas epistemológicos*. México: Universidade da Cidade do México.

Recebido em: 12/09/2021

Aceito em: 20/11/2021